

Ricardo Aleixo. Extraquadro. Belo Horizonte: Impressões de Minas. 2021. 63 p.

Os signos e as formas entregam à poesia de Ricardo Aleixo a percussão precisa ao ritmo de uma voz que opera na interface entre o som e o silêncio. Assim lemos uma poesia além da borda. Poesia que incorpora os corpos. Poesia que excede, circula entre, dentre, com. Poesia de deslocamentos. Poesia *chiaroscuro*. Poesia esfera. Poesia polifônica. Um modo particular e sensível de ser e estar no mundo, de evocar junto ao leitor uma verdade possível.

Sua trajetória poética é de transgressão em multifacetadas versões de si (poeta) e dela (poesia), pesquisando diferentes aproximações entre as linguagens nos espaços poéticos. Ao fazer isso, cria caminhos alternativos para a plasticidade e a expressão artísticas, expandindo os significados. Na medida em que trabalha os símbolos e sinais gráficos, as imagens, a tipografia, a disposição gráfica, as quebras, o branco na página, as rupturas sintáticas, Aleixo dialoga com a tradição inscrita na Poesia Concreta, na Poesia Visual, no Poema-processo. Suas metamorfoses entranham-se pelo seu mutante processo de produção. Sendo tantos, por vezes se transmuta em “cobra coral” escutando “o pulso/ do mundo”, o som intermitente das raízes da terra “da noite/ do mundo”. (p.51). A pluralidade de sentido desse poema “Programa” – o título é muito sugestivo – se traduz também pela forma visual do poema, no qual se desenha um espaço em branco, abrindo caminho pelo meio dos versos, sugerindo a sinuosidade da serpente.

Em *Extraquadro*, trinta e dois poemas escritos entre 2013 e 2020, o poeta explora as possibilidades de criação de efeito de sentido, oferecendo ao leitor uma poesia íntima, como é possível observar no poema-diálogo entre um pai e um filho em “Uma história antiga”. Nele se descortina um momento na hora de dormir em que a criança confessa: “[...] estou com saudade/ da mamãe. quando é que ela/ volta do lugar/ para

onde ela foi?” (p.19). O descompasso da vida causado pela ausência da mãe, a cumplicidade e o amor são intensificados pela forma como o poema vai sendo composto em uma fonte de letra muito pequena, emulando o estreitamento do coração diante da impossibilidade da presença materna. Os versos que correspondem à fala do pai, estão dispostos mais à esquerda na página; já os proferidos pelo filho ficam mais à direita, de certa forma, reproduzindo a desordem emocional que abraça a ambos.

Em alguns poemas transparece a influência da poética do silêncio de Cage. Os espaços em branco, que tanto dizem ao sentido do poema, iluminam as quebras sonoras da palavra, criando cadência e sonoridade peculiares: “mesmo qu/ ando/ só eu só/ ando/ em b/ ando” (p.38). Esse trabalho cuidadoso com a performance do texto revela uma crescente inquietação em relação ao fazer poético e ao espanto diante do mundo. O poema citado está centralizado na página, a fonte em tamanho grande, as letras em negrito, simulando um andar em bando, quase amontoados, isolados do amplo espaço em branco ao seu redor que evoca a sensação de vazio, de sufocante silêncio.

Sua poesia é partitura e movimento. A musicalidade é um dos aspectos fulcrais de sua obra. No poema “Quase épico”, por exemplo, é possível observar no jogo sonoro das palavras as rimas soantes que espalham pelos versos como “flancos// barrancos”, “mente// alegremente”, “parte// liberdade”. As palavras dançam, em jogos de distanciamentos e aproximações, demarcados pelo espaço em branco que se abre entre as palavras em cada verso, materializando o movimento do flunar do pai e seus irmãos que, elegante e ousadamente, iam “bem na parte/ do passeio// da Praça da Liberdade// reservada aos brancos”. (p. 13).

Na antítese em “Praça da Liberdade// reservada aos brancos”, o poeta presentifica questões fundamentais da contemporaneidade e da história do humano. O preconceito, a desigualdade social, o racismo estrutural que impregnam a sociedade da violência, da insanidade e da intolerância estão presentes, resultando em uma poesia de resistência, complexa e intensa. Um outro exemplo, ainda, é o poema “Misturam-se ao rumor do mar”: Misturam-se ao rumor do mar./ mas são e serão sempre o que são:/ ecos de tentativas de conversa// em línguas estranhas entre elas,// dentro dos tumbeiros, a

caminho/ de novos e sucessivos desastres [...]. (p. 46). A solidão em meio à linguagem, entre tantos que falam; o “tumbeiro” é uma Babel torturante. Outro aspecto que, mais além de ser antitético, é paradoxal – visto que a língua, por sua gênese, é uma forma de comunicação social – contraditoriamente, aqui, destrói pontes e cria ilhas.

A problemática do indivíduo e sua história, a complexidade das relações humanas, atravessam seus poemas. A começar pelo título da obra e a foto da contracapa deslocada no canto superior esquerdo da página que evidenciam a angústia de estar à margem, fora do quadro, do centro, do plano, subsumindo o *Leitmotiv* da obra. O código simbólico que recupera a memória de um tempo histórico no poema “Extraquadro” edifica a arqueologia da obra. No poema, o local é a Sociedade Recreativa Palmeiras, no ano de 1966, “A casa é do zelador/ do clube// fica/ no extraquadro” (...) “e agora// que podem/ ajudar a // passar para a posteridade// uma imagem/ de como// no/ Brasil da Redentora// a Roda da Fortuna/ girava para todos// sem exceção// fazem// negrinhagem” (p. 21). A riqueza de elementos composicionais gráficos é contundente. Ademais do que a palavra poética assinala, destacam-se as vírgulas, os pontos finais, as aspas, formatados em um tamanho bem maior do que as letras, destacados em negrito e deslocados entre versos ou estrofes. Os sinais gráficos gritam, marcando o ritmo, a pausa, a sequência do discurso de forma autoritária. A relação entre a Ditadura militar imposta ao Brasil a partir do Golpe de 1964 aparece, não apenas pela datação do poema, mas nas imagens que denotam as relações de poder, o segregamento das crianças do zelador, a fina ironia em “sem exceção”, o preconceito nas malhas de uma expressão popular como “fazer negrinhagem”.

Extraquadro circunscreve os poemas em um universo atemporal pela universalidade dos temas. O autor faz de seu livro um laboratório de encontros de culturas, etnias e religiosidades. Em certa medida, permite entrever a inquietação e a estranheza com um ritmo que responde à angústia do excedente em suas mais variadas dimensões da sociedade de consumo, do sufocante simultâneo tecnológico, da abismal involução e fragmentação humanas, testemunhando: “Meu corpo// é um viveiro// de silêncios// Alguns// são meus” (p. 62, 63). E como diz o poeta: “a.lei.xar [...] voltar-se/ para/ dentro/ ou para/ fora/ de si”. (p. 60). Uma leitura necessária.

Ricardo Aleixo (1960), mineiro de Belo Horizonte, é poeta, músico, artista visual, agitador cultural e pesquisador. Envolvido com diferentes manifestações artísticas, promove o encontro de diversas artes e culturas. Com o livro *Antiboi*, de 2017, foi finalista do prêmio Oceanos. Algumas de suas obras são: *Festim* (1992); *Tríviom* (2001); *Máquina Zero* (2004); *Modelos Vivos* (2010); *Mundo Palavreado* (2013); *Pesado Demais Para a Ventania* (2018).

Suzana Pagot

Poeta

Doutora em Letras/Literatura Brasileira